

# Ciência pela força? Dr. Abílio Cesar Borges e a propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes no ensino da mocidade (1856-1876)

José Gonçalves Gondra\* e Thiago Sampaio

*Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rua São Francisco Xavier, 524, 20550-013, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: gondra@oi.com.br*

**RESUMO.** Médico, gestor da instrução pública, dono de escola, homem de imprensa, autor de livros de destinação escolar, viajante, conselheiro da instrução, Dr. Abílio César Borges protagonizou algumas iniciativas na esfera pública e privada, como forma de demonstrar princípios educativos que abraçara no que se refere aos métodos de ensino, aprendizagem da leitura e escrita, aritmética e geometria, educação infantil e castigos corporais, por exemplo. Ao ocupar distintas posições de saber e poder, o médico baiano procurou zelar por suas iniciativas, o que pode ser atestado na documentação expressiva produzida em vida. Neste trabalho, examinamos a propaganda que desenvolveu contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes no ensino da mocidade. Campanha tornada pública por meio de diversas manifestações entre 1856 e 1875, que foram reunidas em um opúsculo publicado em 1876. Nesta coleção de nove fragmentos do autor sobre o flagelo da infância, o médico forja a representação humana da escola, cujo bom exemplo poderia ser encontrado nos colégios de sua propriedade. Em 1876, para amplificar suas posições, aproxima-se do Jornal “O Globo”, reconhecendo este como aliado e veículo adequado para dar mais visibilidade a seu projeto de uma educação moral contra a violência física nas escolas.

**Palavras-chave:** educação no Império, castigos corporais, Barão de Macaúbas.

**ABSTRACT.** *Science by force? Dr. Abílio Cesar Borges and the propaganda against the use of paddling and other demeaning practices in youth instruction (1856-1876).* As a doctor, manager of public instruction, school owner, man of the press, schoolbook author, traveler, guidance counselor, Dr. Abilio César Borges undertook a few initiatives in the public and private sphere, as a means to demonstrate educational principles he supported with regard to methods of teaching, learning of reading, writing, arithmetic and geometry, childhood education and corporal punishments, for example. By occupying separate knowledge and power positions, the Bahia doctor sought to manage his initiatives, which can be endorsed in the expressive documentation produced in life. In this work, we examine the propaganda he developed against the use of paddling and other demeaning practices in youth instruction. This campaign was made public through manifestations between 1856 and 1875, which were grouped in a pamphlet published in 1876. In this collection of 9 fragments from the author about the scourge of childhood, the doctor shaped human representation of schools, whose good example could be found in the schools of his property. In 1876, in order to heighten his positions, approaching the newspaper “O Globo”, recognizing it as an ally and an appropriate vehicle to give more visibility to his moral education project against physical violence in schools.

**Key words:** education during the Empire, corporal punishment, baron de Macahubas.

## Introdução

Nascido no povoado de Macaúbas, então pertencente à pequena Vila de Rio de Contas, foi médico e “pedagogo” e um dos primeiros a se preocupar com nacionalização da produção de livros escolares destinados à instrução primária e secundária no Brasil. Proprietário de escolas, gestor da instrução pública, recorreu regularmente à

imprensa nacional em defesa de suas teses e iniciativas pedagógicas.

Estas são algumas possibilidades de se descrever o personagem Abílio César Borges que também se viu agraciado em vida com o título nobiliárquico de Barão de Macaúbas pelo Imperador D. Pedro II e homenageado postumamente, tendo seu nome e titulação sido adotados em diversas escolas públicas

nos Estados da Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais, Estados nos quais implantou seus colégios.

Segundo Max Fleiuss<sup>1</sup>, desde jovem, Abílio já demonstrava aptidão e interesse pela educação da mocidade. Enquanto estudante secundarista, já trabalhava como monitor das aulas e, pelo seu interesse pela docência, foi convidado pelo Diretor do seu ex-colégio a lecionar naquela casa logo após concluir os estudos preparatórios<sup>2</sup>.

Em 1841, com 16 anos, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia e, durante seu período acadêmico, fundou, com auxílio de alguns estudantes universitários, o Instituto Literário da Bahia, tendo chegado a exercer a presidência deste<sup>3</sup>. Estas duas características são marcas que o acompanharam durante toda sua vida. Como médico, estudou teorias que relacionavam condições de aprendizagem, estímulos e condicionamento moral e físico. Como homem da imprensa, publicou com admirável regularidade, procurando dar visibilidade e conquistar legitimidade para suas posições por meio do impresso.

De volta à Bahia, em 1850, fundou, fora da capital, seu primeiro colégio, junto a um pequeno hospital. A experiência como educador, homem da imprensa e de sua participação em outros circuitos do poder lhe rendeu, em 1856, um convite do governo da Bahia para exercer o cargo de Diretor Geral da Instrução Primária e Secundária, ou, como mais comumente era chamado, diretor de estudos. Esta nova função parece ter sido decisiva para que abraçasse de vez o compromisso que norteou o resto de sua vida - reformar e modernizar a prática e as teorias pedagógicas aplicadas no Brasil, dentro dos colégios que dirigira e nas campanhas públicas que promoveu, dentre outras iniciativas que protagonizou<sup>4</sup>.

### Higiene e o fim dos suplícios

Diversas foram as propostas relativas ao modelo e funcionamento da escola no Império e início da República. Nestas propostas, uma prática comum, uma prática em especial assume relevo, sendo justamente contra esta que se encontra

focada uma parte da ação do médico baiano; os métodos aviltantes. De acordo com Santos (1884, p. 9), foi nesse tempo que inaugurou a “tenaz guerra à férula e aos castigos aviltantes e humilhantes ao ensino da mocidade”. O combate ao emprego da palmatória e demais castigos infringidos à infância encontra-se presente em alguns de seus textos<sup>5</sup>. Combate que também pode ser observado na adesão ao chamado método intuitivo, inspirado e apoiado em Pestalozzi e Froebel<sup>6</sup>. O abraço a essa perspectiva metodológica funciona como base para sustentar que o castigo corporal deveria ser substituído pela persuasão, pelo exemplo e pelos conselhos. Com isso, trocar-se-ia o instinto de terror ao mestre pela confiança e pelo amor.

No entanto, a experiência demonstra que suas ideias não madrugaram pela vitória dos seus frutos. As resistências às suas propostas, seja por força do costume/tradição social e do ofício ou pela acomodação de mestres mais acostumados a uma situação de domínio dos discípulos pela força, impedem que suas teorias sejam colocadas em prática. Desse modo, ainda que ocupando a cadeira de Diretor da instrução pública da Bahia, naquele momento, o Dr. Abílio C. Borges vê reduzido seu espaço de ação, sendo alijado de seu cargo em 1857. Vendo encerrada sua curta participação na esfera pública, migra para a iniciativa privada, que funcionará como cenário para suas experimentações e usada como exemplo/testemunho dos princípios pedagógicos que procurava forjar e ajudava a difundir.

Em 1858, abriu o Ginásio Baiano, colégio no qual se fazia possível executar aquilo que propagava. Propaganda que terminava, como em um círculo, por legitimar o modelo escolar praticado em seus estabelecimentos de ensino. Não é gratuito que o Colégio tenha sido instalado na capital da Bahia, localização que possibilitava maior visibilidade as suas iniciativas, bem como o recrutamento de alunos oriundos das famílias mais ilustres e mais ricas da capital e de outras regiões da Bahia. Somente para fins ilustrativos, podem-se citar ex-alunos, como Rui Barbosa e Castro Alves, que frequentaram aulas no colégio do Dr. Abílio. Ambos deixaram escritos nos quais explicitam como o método de ensino utilizado

<sup>1</sup>Em conferência extraordinária no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 9 de setembro de 1924, por ocasião do centenário de seu nascimento.

<sup>2</sup>A respeito do ensino secundário no Brasil imperial, Cf.: o estudo de Haidar (1972).

<sup>3</sup>Cursou cinco anos na Bahia, tendo concluído o curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 20 de dezembro de 1847, com 23 anos. No Rio de Janeiro participou da criação de outra sociedade literária: a Academia Philomatica. Neste ano, também escreve para o *Arquivo Medico Brasileiro*, *Auxiliador da Indústria e Jornal do Comércio*. Em virtude de sua ação na imprensa, do capital cultural que adquirira e das relações que cultivara, se apresentou e foi admitido com sócio do IHGB, Conservatório Dramático e da Imperial Sociedade Amante da Instrução.

<sup>4</sup>Para acessar elementos adicionais da biografia do Barão de Macaúbas, Cf.: Alves (1942), Gondra (2002), Santos (1884), Teixeira (1952) e Valdez (2006), por exemplo.

<sup>5</sup>Para tanto, vale conferir Borges, 1880, 1880a, 1884 e 1884a.

<sup>6</sup>Além destes, é possível encontrar referências a Gauthey, Barrau e Fénelon, dentre outros. Um estudo a ser feito se refere ao modo como o médico baiano se apropriou das obras de autores europeus a que teve acesso. Dado os limites deste trabalho, este investimento não foi possível de ser feito neste momento.

no colégio era diferenciado e como a experiência de alunos do “distinto mestre” foi algo que marcou o caráter e formação desses autores. Para deixar ainda mais claro como esse colégio merece atenção, ainda à época, foi o único estabelecimento de ensino particular na Bahia a receber uma visita do Imperador, quando este procurava dar maior visibilidade às suas iniciativas pedagógicas por intermédio da imprensa nacional e dos escritos pedagógicos do Dr. Abílio que também passaram a circular em forma de livro.

Para se ter uma ideia de como o próprio Abílio representava a batalha que travava, no ano em que o Ginásio Baiano completava dez anos de existência, profere um discurso em 24 de novembro de 1867, no qual sublinha:

Mas sei, com estranheza, que não obstante tudo quanto sobre a matéria tenho escrito, não obstante a decisiva experiência de dez anos aqui no Ginásio Baiano, continua a férula a ter extremos advogados, chegando alguns educadores a declaram-na (ainda hoje!) indispensável para os progressos literários e científicos da mocidade, e fundamento da disciplina e da moral (BORGES, 1876, s/p.).

Segue sua campanha, articulando argumentos médicos e religiosos, apoiado em uma série de autores/obras bem diversificada: um bispo, um ministro da instrução pública francesa, a Bíblia, Gauthey e Barrau. Apoio que fica fortalecido pelo jogo de remissão que realiza ao citar fragmentos das obras. No conjunto, produzem o efeito de uma ação concertada que cumpre a função de legitimar as posições que defende.

Após a experiência de dirigente da instrução pública e proprietário de colégio na capital baiana, Dr. Abílio viajou para a Europa a fim de estudar a organização e os programas de ensino lá existentes, o funcionamento das escolas e também estabelecer relações com os educadores da época. Sua experiência em terras do “Velho Continente” parece ter ajudado a amadurecer ainda mais suas orientações pedagógicas e, ao que se pode observar, estreitou ainda mais os laços entre o médico e o “pedagogo”.

Ao se mudar para o Rio de Janeiro, fundou o Colégio Abílio em Laranjeiras, que, assim como alguns outros que surgiram à época<sup>7</sup>, procurava privilegiar uma nova concepção de arquitetura dos prédios voltados para o ensino e instrução. Concepção fortemente marcada pela racionalidade médico-higiênica, associada a uma pedagogia

integral que deveria recobrir aspectos físicos, morais e intelectuais dos alunos<sup>8</sup>.

O modelo geral formulado na esfera da racionalidade higiênica organiza uma crítica regular aos castigos físicos, incorporada na campanha e nas iniciativas do Dr. Abílio. No desenvolvimento de sua empreitada contra a palmatória e outros meios aviltantes, adota outra estratégia que merece ser destacada. Trata-se de suas intervenções no plano da política provincial e o modo como se efetiva. Para tanto, recorre à pena e ao impresso. Ao tomar conhecimento de que a Assembleia Provincial do Paraná elaborara uma lei autorizando o emprego da palmatória nas escolas daquela província, endereçou a seguinte carta ao Presidente Frederico José Cardoso de Araújo Abranches, em 1873.

Ilmo. Exmo Sr. - Li com grande estranheza e desgosto profundo a lei inqualificável que a Assembléia Legislativa dessa província promulgou ultimamente, autorizando o emprego da palmatória nas escolas públicas, lei pasmosa, que revela, ou o atraso vergonhosíssimo em que se acha esse aliás tão esperançosa porção do Império, e uma triste ignorância dos progressos que por toda a parte, e também entre nós, tem feito a ciência do ensino, ou é um deliberado acinte aos mesmos progressos. Li, pois, e com maior estranheza e maior desgosto, que semelhante lei fora, pelo antecessor de Vossa Excelência, sancionada.

E, porque tenha sido constantemente empenho meu desde muitos anos, libertar a infância brasileira desse vil instrumento, que não pode senão conceder para o rebaixamento do caráter nacional, tomo a liberdade de juntar ao oferecimento de livros que a Vossa Excelência fiz para as escolas dessa província cem exemplares do meu volume de discursos sobre a educação, que Vossa Excelência se dignaria de mandar distribuir pelos mais distintos professores e professoras da mesma. Tenho fé que a leitura desses discursos levará aos encarregados da delicada tarefa de instruir a infância a convicção de que a palmatória, além de fazer a escola antipática, se não odiosa, para as frágeis crianças, transformando-a em um lugar de tristezas e lágrimas em vez de um lugar de alegrias e risos, qual deve ser, torna a profissão do mestre a mais penosa, desagradável e triste das profissões, reduzindo-o de amigo e pai, que deve ser, à condição de inimigo ou algoz dos discípulos. (BORGES, 1876, s/p.).

“A resposta que tive daquele digno administrador, comunicando-me que aquela estranha lei acabava de ser revogada, foi-me sobremaneira agradável” (BORGES, 1876), conclui o médico baiano<sup>9</sup>. Como se vê, ele oficia e tenta

<sup>7</sup> Para observar a morfologia das escolas da capital do Império, recomendamos a leitura do cuidadoso estudo de Limeira (2010).

<sup>8</sup> A esse respeito, para a cidade do Rio de Janeiro, Cf.: Gondra (2004).

<sup>9</sup> Ao consultar o relatório do presidente da Província do Paraná, não encontramos referência a esta norma, nem de sua revogação. No entanto, é possível notar

atingir o Presidente Provincial, medida articulada a uma ação direta sobre os professores, melhor ainda, sobre a liderança do professorado, de acordo com a direção que procura imprimir na carta remetida.

No decorrer dos anos, realizou outras viagens à Europa, a fim de aperfeiçoar os métodos pedagógicos, de forma a atualizar e modernizar suas iniciativas no campo da instrução. Por meio de seus contatos, organizou a Primeira Missão Pedagógica ao Brasil, que contava com franceses, ingleses e alemães, inclusive com o, à época, famoso professor Bockel. Além disso, foi um dos percussores no Brasil a chamar atenção para a educação especial e de surdos e mudos, com a chamada linguagem articulada.

Como já referido, muitas eram as preocupações e projetos do Barão de Macaúbas: imaginou um método de aprendizagem de leitura que denominou de Leitura Universal e, para facilitar o estudo das primeiras letras, abriu vários cursos públicos gratuitos de leitura, preconizou o livro escolar, inventou aparelhos para auxílio no ensino, realizava torneios literários e de culto ao civismo, entre outros. Porém, uma das práticas adotadas nos colégios que dirigiu e que diferia em muito das experiências educacionais de meados do século XIX no Brasil era a que abolia completamente qualquer espécie de castigo físico nas escolas.

Para difundir tal ideia, publicou diversos trabalhos em território nacional e no exterior, recorrendo regularmente à chamada grande imprensa como instrumento a serviço de seu projeto, ferramenta que começou a manejar desde cedo, como assinalamos. No que toca ao foco deste trabalho, exploramos mais atentamente as matérias publicadas em um Jornal de circulação majoritariamente provincial<sup>10</sup>, mas com algumas assinaturas espalhadas em capitais de outros pontos do território nacional. Trata-se do jornal “O Globo; órgão dos interesses do Comércio da Lavoura e da Indústria”, um veículo que procurava dar cobertura aos temas da educação e formação de mão-de-obra instruída para o país, tendo publicado diversas colunas sobre a “Instrução Pública e Particular no Brasil”, muitas delas assinadas pelo Dr. Abílio Borges.

Como ele mesmo destacou no opúsculo em que reuniu os escritos que redigira sobre o tema entre 1856 e 1875, preocupava-se com as formas de fazer

com que o estudante pudesse encarar os estudos e por eles despertar interesse. Perguntava-se constantemente o que poderia ser feito para que o estudante tomasse gosto pela instrução, e se era preciso atravessar longo suplício de palmatoadas e castigos para desenvolver este gosto.

A visão “animalizada” do homem como uma fera a ser adestrada e treinada com certos conhecimentos nas escolas era uma ideia que lhe parecia ser um grande paradoxo. Pregava que, para promover o gosto pelo estudo, deveriam se estimular os brios da juventude e a dignidade da infância. Ainda sobre a visão “animalizada” do aluno, sua posição se entrelaça e se aproxima de sua posição abolicionista<sup>11</sup> pois, em diversas passagens, se refere à humanitária lei de 28 de setembro<sup>12</sup> como lei de grande avanço social, mas que somente poderia ser completada com a extinção dos métodos aviltantes na instrução escolar.

Uma das pistas para se entender a proximidade de pensamento entre as duas posições, a de abolicionista e a contrária aos métodos aviltantes, pode ser percebida quando torna assemelhada a condição do escravo com a daquele aluno instruído na base de castigos corporais. Nos dois casos, de acordo com os apontamentos das fontes consultadas, o resultado seria um homem submisso, sem alma criativa, que não se dispunha a aprender, que não se dispunha ou não se importava em ser livre, em ser intelectualmente livre.

Suas experiências, dentro nos colégios que dirigiu, e baseado nos resultados dos exames e entrevistas com os alunos, procuravam demonstrar que os que aí se formavam apresentavam melhores resultados nas sabatinas de admissão aos cursos superiores, *performance* que levava os antigos discípulos a manifestar sentimentos de gratidão aos seus mestres enquanto os outros, muitas vezes, guardavam imenso rancor de suas escolas e professores. Ainda de acordo com os registros do Dr. Abílio, os alunos que educava se comportavam dentro de sala de aula (e também em seu exterior) de maneira mais disciplinada, eram mais complacentes e se acostumavam a ouvir opiniões de pessoas próximas e, muitas vezes, a segui-las de maneira mais consciente, ao invés de simplesmente obedecer cegamente a ordens que lhes eram dadas. A constituição de tais características poderiam ser

uma semelhança no discurso dos dois, o que ajuda a compreender a revogação da lei que autorizava o uso da palmatória no Paraná. A título de exemplo, cabe observar como o Dr. Frederico inicia a parte do relatório em que trata do problema da instrução, cujo texto encontra-se disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/636/index.html>>. Acesso em: 14 ago. 2008.

<sup>10</sup>Aqui nos referimos a Província do Rio de Janeiro, pois antes da proclamação da república, a unidade federativa que hoje chamamos de estados, era chamada de Província durante o Império do Brasil.

<sup>11</sup>A participação do médico-educador na campanha abolicionista pode ser observada por meio de outras ações, pois ele foi um dos fundadores da Sociedade Libertadora Baiana Sete de Setembro, da qual foi presidente efetivo e presidente honorário. Esta sociedade foi a primeira que, no Brasil, fundou um jornal para defender a causa da emancipação dos escravos: O abolicionista. Também participa da Anti-slavery-society de Londres, desde 1860, tendo sido um dos fundadores da Sociedade Brasileira contra a escravidão. Ele mesmo teria, de acordo com Santos (1884, p. 48) libertado muitos escravos.

<sup>12</sup>Assim era comumente chamada a Lei do Ventre Livre datada de 28/9/1871.

compreendidas pela combinação de uma maneira de educar que valorizava o aluno enquanto ser em formação. De acordo com as práticas educativas aplicadas no Ginásio Baiano ou no Colégio Abílio, não se devia infantilizar a infância, na medida em que o jovem escuta melhor quando é tratado como um igual, como um ser dotado de vontades, capaz de interagir, reagir e não apenas absorver. A autoridade em um ambiente desses se dá por meio do esclarecimento e do conhecimento, dos quais resultaria a admiração que o jovem passa a nutrir por seu mestre.

O poder do mestre origina-se no mesmo poder que o pai tem sobre o filho, no amor que o pai devota ao filho e no reconhecimento filial. Este se vê em uma situação que compreende que as atitudes, clamores e em certos momentos ordens do professor são meios de se atingir algo que está voltado aos objetivos desse amor, ou seja, ele mesmo. A instrução e a educação são voltadas também para o espírito e, por serem assim, não se pode alimentar este tal como se faz com o corpo, pois se o corpo digere o alimento que é forçado a ingerir, assim como o faz com aqueles que se ingerem por vontade própria, o espírito não se comporta da mesma forma. Este rejeita os que não são fruto da complacência ou da vontade.

Ainda sobre a educação do espírito, uma característica permeia o modelo pedagógico proposto pelo Dr. Abílio, o ensino religioso. Antes de mais nada devemos elucidar uma possível fonte de críticas, principalmente se incorreremos no erro de considerarmos que a educação sempre deveria ter sido laica, como se esse tipo de pensamento tivesse sempre estado presente nas experiências educativas desenvolvidas no Brasil.

Como é sabido, o Império do Brasil possuía laços estreitos com a fé católica. Somente para não alongarmos muito a discussão, devemos ter em mente que faziam parte dos atributos do poder Moderador o beneplácito e o padroado<sup>13</sup>. Portanto, a religião católica, além de ser a oficial do Império do Brasil, encontrava-se profundamente ligada ao centro de poder político, o que tornava praticamente impossível pensar em um ensino laico, ou mesmo em um ensino religioso que não estivesse em conformidade com a doutrina católica adotada pelo regime, com exceção de algumas escolas particulares voltadas a estrangeiros e filhos de estrangeiros<sup>14</sup>.

<sup>13</sup>Beneplácito: condição que dava ao Imperador o poder de vetar o cumprimento das Bulas Papais, sendo necessária a aprovação do soberano e o carimbo de cumpra-se em todas aquelas que eram expedidas pelo Vaticano. Padroado: direito concedido ao Imperador de nomear e depor os membros do Clero.

<sup>14</sup>Para se ter acesso a um quadro geral deste debate no Império, Cf.: Gondra e Schueler (2008).

Além disso, parte da Igreja Católica descrevia o aviltamento como medida prejudicial ao aprendizado. Algumas das ordens religiosas pregavam, desde os séculos anteriores, que a agressão aos alunos os afastava de seus mestres, e a repressão física somente era aceita (e não necessariamente recomendada) em casos extremos, como nos casos que os alunos internos viessem a cometer delitos graves, penais, e não somente delitos escolares.

Com essas informações em mente, podemos analisar o modo como o Barão de Macaúbas procurou tratar o ensino religioso ao abordar o aviltamento aos alunos praticados nas escolas. Ele parte do princípio de que a dignidade e a liberdade são inseparáveis e que a segunda só é possível se a primeira estiver presente na formação desse aluno e, aqui, lemos a liberdade tal como buscamos descrever anteriormente, ainda que de modo sumário. Somemos a isso a ideia de que o mestre deveria agir como um pai junto aos seus discípulos e que, nesta condição, deveria oferecer bons conselhos em hora oportuna para moldar-lhes o caráter e aliviar-lhes as intempéries da vida. Dessa forma, no quadro em que o Estado estava profundamente articulado à Igreja católica, ao mesmo tempo em que procura controlá-la, o Evangelho era visto, por Abílio Borges, como um “bálsamo salutar aplicado a todas as feridas da alma” e que o modo de educar baseado no amor encontrava-se perfeitamente justificável, pois se o ato de educar consistia inclusive em se moldar ao espírito, considerando que este espírito é uma emanção de Deus e que Deus é bondade, é amor. Nesse registro, seria contraditório querer desenvolver essas características do espírito humano a partir de métodos rigorosos, aviltantes.

Os impressos divulgados pelo Barão de Macaúbas demonstram que sua vontade maior não se resumia a formar profissionais habilidosos, mas, sobretudo, homens de bem. Homens com o caráter bondoso, livre, multiplicadores desses valores, que adotassem práticas de forma verdadeira e que pela verdade fossem guiados.

A partir deste ponto outra crítica comparece nos seus escritos, a dicotomia entre promulgar a verdade e usar a verdade. Na sua prática pedagógica, o médico-pedagogo procurava tratar o aluno de maneira franca, pois a única maneira de se confiar no mestre é quando se acredita que aquilo que este lhe diz representa a real opinião. Assim, aliada à aceitação do mestre como uma espécie de pai que busca o seu próprio bem, a tendência seria a de acatar com mais docilidade suas palavras, posto que estariam ancoradas no dizer verdadeiro, no falar francamente.

A crítica que Abílio faz ao molde tradicional naquela sociedade é ao fato de que se buscava a verdade por métodos que, muitas vezes, recorriam à mentira. Ao prometer ao aluno coisas que não poderia ou não iria cumprir, fosse um benefício ou uma ameaça, para obter uma informação verdadeira, o mestre terminava por empregar métodos artificiais para conseguir a verdade. A crítica, portanto, se refere ao uso de maneiras artificiais e não-proveitosas para formação do caráter do aluno para se conseguir que este alcançasse determinado objetivo.

### Novas tecnologias da disciplina

Um ponto controverso das ideias do “barão” remete ao que é representado como alternativa às penas aviltantes: os prêmios por desempenho. Se os alunos que se comportavam mal recebiam punições severas e castigos físicos, aqueles que se interessavam pelos estudos, ou pelo menos alcançavam patamares de comportamento desejados como notas altas, brilhantismo na classe, ou seja, os que correspondessem com uma série de respostas exemplares, deveriam ser gratificados com honrarias e prêmios escolares tais como medalhas de melhor aluno, nomeação em cerimônias públicas pelo desempenho, distinção entre os alunos da classe e privilégios; por exemplo.

Em sua campanha, este ponto assume destaque na medida em que ele funciona como uma espécie de contraponto ao suplício. Operando binariamente, o proprietário oferece uma alternativa a qual, por sua vez, vem apoiada em uma pregação sustentada em argumentos que apelam para a família, mestres, pátria e Deus. Cabe, portanto, acompanhar o modo como se constroem essas relações para se afirmar o dispositivo da premiação e enfraquecer o da punição:

Em todos os países cultos, onde o ensino se dá nobilitando, e não aviltando a infância, se há instituto grande ou pequeno, do Estado ou privado, onde não se efetuam anualmente solenidades análogas a esta. É que a experiência dos séculos lhes tem ensinado que o gosto pela instrução não pode ser imposto pelas penas e humilhações, deve sim, ser excitado pela persuasão e pelos meios morais, isto é, pela honras e distinções. Também desde que há 18 anos, fundando na Baía, o Ginásio Baiano, hastei bem alto o estandarte do novo ensino pelo amor e pelos estímulos da dignidade, desde que ali comeci então a cruzada, em que hoje tenho fervorosamente prestigiado a favor da abolição dos castigos corporais nas escolas do meu país, e estabeleci, como complemento necessário de outros meios de animação e emulação, as distribuições anuais de prêmios, onde, ao mesmo tempo passo que fossem galardoados e aplaudidos na proporção de seus méritos os alunos briosos e aplicados, esquecidos e humilhados

e ficassem os negligentes e covardes, e tirassem estas da própria humilhação e esquecimento incentivos para mais esforço e mais aplicação no provir.

E os resultados felizes de tais medidas não se fizeram esperar por muito tempo. Em breve os alunos do Ginásio Baiano, onde nunca teve entrada a fêrula, sobrepujavam, nos estudos e como nas perfeições morais, aos dos outros estabelecimentos regidos pelo despotismo da força bruta, onde para os meninos só havia os estímulos do medo e das dores. Deploro, Senhores, que o exemplo dado neste assunto por todos os países civilizados, e dentro da pátria pelo Colégio de Pedro II e por mim, não tenha tido, como aliás tanto bem raros imitadores! (BORGES, 1876, s/p.).

A regularidade dessa prática em seus estabelecimentos pode ser percebida na “proclamação” diária que lia na entrada dos alunos:

Caros Meninos!

Depois da brincadeira, justo é que com gosto e boa vontade vos entregueis ao estudo. Lembrai-vos do prazer que tereis e dareis a vossos mestres, se souberdes vossas lições e da vergonha que passareis, se as não souberdes.

Desonra-se, além de se prejudicar a si mesmo, e de pecar contra Deus, contra os pais, e contra os mestres, o menino que vadia nas horas do trabalho.

Correspondei, caros meninos, ao que de vós esperam vossos pais, vossos mestres e a cara pátria. Lembrai-vos do futuro. Lembrai-vos que Deus está vendo o que fazeis (BORGES, 1876, s/p)

Em princípio, seus escritos defendem a prática da premiação aplicada nos colégios sob sua direção. Cerimônias pomposas em honra e homenagem a bons alunos, os alunos exemplares, eram comuns e grandiosamente exaltadas. Porém, com o passar dos anos, essas mesmas cerimônias, privilégios, distinções e honrarias passam a ser condenadas. Mesmo que um aluno ou um grupo de alunos se destacasse no desempenho escolar, não deveria haver honrarias, a recompensa deveria ser pessoal, interna, fruto de um esforço próprio, resultando em uma espécie de gozo pessoal<sup>15</sup>.

Tais ideias se apresentaram não somente em formato de proposta, mas também sob forma de elogio a algumas atitudes que foram tomadas ao longo dos anos pelo governo imperial, mas também enquanto críticas às ações que deixaram de ser tomadas ou ao desleixo que certas leis e recomendações obtiveram no tecido social.

Cabe ainda apontar que se o Barão de Macaúbas recorreu à imprensa para defesa dos seus ideais pedagógicos, esta lhe serviu para manifestar seu

<sup>15</sup>Não é possível aprofundar aqui as razões que promoveram este deslocamento de posição. Para examinar este ponto, recomendamos a leitura dos textos do autor, sobretudo os que são escritos a partir dos anos 1880.

posicionamento público relativo a outros pontos/temas. Por ocasião da Guerra do Paraguai, manifestou-se pela imprensa, conclamando ao povo à luta em defesa da soberania brasileira. Mas, não se restringiu a este tipo de atitude: chegou mesmo a patrocinar, com suas próprias rendas, o batalhão dos "Zuavos Baianos". Como já assinalado, foi um partidário do abolicionismo, tendo fundado a "Sociedade Libertadora 7 de Setembro", que publicava o jornal "abolicionista"; sinal complementar de sua preocupação com a condição de cidadania e da formação de homens livres, civil e intelectualmente.

De fato, o governo imperial na figura do Imperador (que assinalava o grande valor ao magistério, a ponto do Imperador ter declarado que, se não fosse o rei, queria ser "mestre-escola"), em alguma medida procurou se apoiar em ideias do Dr. Abílio César Borges, o que fica indiciado com a graça do "título de nobreza" que lhe foi concedida em 1882. Com o reconhecimento dos méritos do Barão, D. Pedro II procurava demonstrar uma vez mais suas preocupações e compromissos com a educação do país, sugerindo, com seus gestos, alianças e plataformas pedagógicas voltadas para a instrução no Império brasileiro.

Cumpra ainda registrar as estratégias do médico-educador no sentido de construir um lugar para si no campo da pedagogia, como podemos observar por sua intensa produção escrita, a propriedade de escolas, suas ações em conselhos, congressos, viagens e também no exercício da tradução. Ao longo de sua vida buscou estudar e trazer para o país um corpo de teorias e procedimentos educacionais com base em suas experiências dentro e fora do Brasil. Não devemos pensar que as transformações de modelos são irrefreáveis, que basta apenas serem introduzidas para que se efetivem. Como vimos aqui, foram mais de 20 anos de luta por um ideal, que só atingiu êxito mais expressivo após a morte de seu idealizador, ainda que não tenha sido completamente extinta da vida social, das casas e das escolas. Se o Dr. Abílio César Borges conseguiu aliados e angariar correligionários para a causa, também foram significativos os que construíram barreiras, os que mantiveram a tradição constituída por décadas, mas que, aos poucos, pelo jogo de forças políticas, religiosas e científicas, acabaram por enfraquecer a posição favorável à educação pela força<sup>16</sup>.

<sup>16</sup>Aqui duas observações. Uma primeira se refere ao emprego de meios aviltantes no próprio Colégio Abílio, como pode ser observado no texto memorialístico de um de seus alunos ilustres: Raul Pompéia. Publicado em vida, chegou a ser considerado por Alves (1942), um dos biógrafos do Dr. Abílio, um livro de maldades, escrito com a pena mergulhada em fel (GONDRA, 1999). Outro elemento que fortalece esta afirmação pode ser encontrado em

## Considerações finais

As lutas contra o suplício nas escolas encetadas e difundidas pelo Dr. Abílio parecem indicar um rebatimento duplo. Primeiramente, elas parecem integrar um questionário bastante atual acerca do funcionamento das escolas - Como desenvolver o amor ao conhecimento e a educação pela formação do caráter humano? Em tempos que a especialização é cada vez mais intensa, como pensar os métodos de ensino e trabalho de nosso tempo? Como pensar as formas atuais que comandam as escolas e a disciplina dos alunos tendo em vista que, a concordar com Foucault (2006), nos deslocamos da sociedade disciplinar para a sociedade do controle? Como gerir os conjuntos humanos que acessam a escola? Como gerir e rentabilizar as potências do homem submetido à experiência escolar?

Em segundo lugar, esse tipo de indagação remete, por sua vez, a um processo mais geral. Observar a campanha do médico-educador é também uma forma de acompanhar uma mutação em curso no século XIX: da sociedade punitiva para a sociedade disciplinar. Deslocamento este que precisou ser negociado, tendo sido abraçado por um conjunto heterogêneo de forças sociais, como a médica, militar, jurídica e religiosa, por exemplo - elas mesmas não homogêneas. Juntamos a estas outras forças e agentes sociais que repeliam o trabalho escravo em tudo que representavam, inclusive na generalização e banalização do castigo físico. Portanto, o combate ao castigo na escola parece estar integrado a uma espécie de "novo humanismo" que pretende ver abolidas todas as violências exercidas sobre o corpo. Neste "novo humanismo", a intervenção sobre o curso da vida, a educação humana deveriam incidir sobre interior do homem, como forma de melhor ajustá-lo ao modelo que se pretendia construir. Nesta nova ordem social, a disciplina assume lugar de destaque, como forma de inibir outras formas de violência. Esta nova moral parece ter invadido o tecido social com a invenção e sofisticação de instituições cada vez mais específicas, cada vez mais comprometidas com as teses do homem, trabalho, mercado e corpos livres. Instituições que parecem funcionar em sintonia com o projeto no qual seus esforços estejam comprometidos com a disposição

documentação do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, indicando que o Colégio foi objeto de processo e de fechamento provisório, em virtude de denúncia relativa aos castigos corporais que praticava (Código 11-1-25).

desequilibrada dos corpos não-supliciados no complexo tecido social, algo compreensível, no mínimo, pela diversidade das organizações constituídas, de seus funcionamentos e de seus efeitos, como parece demonstrar a experiência aqui examinada.

### Referências

- ALVES, I. **Vida e obra do Barão de Macahubas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942.
- BORGES, A. C. **Vinte anos de propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes no ensino da mocidade**. Rio de Janeiro: Typografia Cinco de Março, 1876.
- BORGES, A. C. **Vinte dous annos de propaganda em prol da elevação dos estudos no Brasil**. Bruxellas; Rio de Janeiro: Typografia a vapor de Pereira Braga e Cia, 1880.
- BORGES, A. C. **Vinte anos de propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes no ensino da mocidade**. Rio de Janeiro: Typographia e Lythographia E. Guyot, 1880a.
- BORGES, A. C. **Vinte dous annos de propaganda em prol da elevação dos estudos no Brasil**. Bruxelas: Typographia e Lithographia E. Guyot, 1884.
- BORGES, A. C. **A lei nova do ensino infantil**. Bruxelas: Typographia e Litographia E. Guyot, 1884a.
- FOUCAULT, M. **Seguridad, território, población**. Buenos Aires: Fondo de Cultura, 2006.
- GONDRA, J. Arquivamento da vida escolar - um estudo sobre O Atheneu. In: VIDAL, D. G.; SOUZA, M. C. C. (Org.). **A memória e a sombra**. A escola brasileira entre o Império e a República. Belo Horizonte: Autentica, 1999. p. 33-57.
- GONDRA, J. Abílio Cesar Borges (verbete). In: FAVERO, M. L.; BRITTO, J. (Org.). **Dicionário de educadores no Brasil**. Rio de Janeiro: Educação; UFRJ, 2002. p. 35-44.
- GONDRA, J. **Artes de civilizar: Medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.
- GONDRA, J.; SCHUELER, A. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.
- HAIDAR, M. L. **O ensino secundário no império**. São Paulo: Grijalbo, 1972.
- LIMEIRA, A. **O comércio da instrução no século XIX – colégios particulares, propagandas e subvenções públicas**. 2010. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.
- SANTOS, L. **O barão de Macahubas**. Rio de Janeiro: Typ. Universal de H. Laemmert and C., 1884.
- TEIXEIRA, A. Um educador: Abílio Cesar Borges. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 18, n. 47, p. 150-155, 1952.
- VALDEZ, D. **A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio Cesar Borges: o Barão de Macahubas (1856 - 1891)**. 2006. 295f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

*Received on February 25, 2010.*

*Accepted on April 20, 2010.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.